

A PRONÚNCIA DO LATIM EM PORTUGAL

La pronunzia del latino, in quanto esso è lingua letta e, dentro certi limiti, parlata in tutto il mondo, dovunque s'afferma la religione cattolica e la nostra civiltà, rappresenta una questione d'interesse vivo che supera di gran lunga la semplice pratica dell'insegnamento. Il Dott. Gomes Branco, professore di liceo in Portogallo, c'informa dello stato della questione nella sua patria. Siamo lieti di pubblicarne, e nella sua lingua, l'interessante articolo, tanto più in questo momento, in cui al Portogallo, invitto baluardo della romanità occidentale, vanno tutte le nostre simpatie d'italiani e di cattolici.

Aconteceu com o latim clássico, relativamente à sua pronúncia, cousa idêntica ao que se deu com o latim dos últimos tempos do Império: ao contacto com povos diferentes ambos perderam a sua unidade. O segundo a sua unidade como língua viva, já que passou a ter os aspectos diversos das línguas neo-latinas; o primeiro a unidade da pronúncia, porque também cada povo o acomodou ao seu aparelho fonético.

Deixando de parte o outro fenómeno, preocupemo-nos do problema da pronúncia do latim clássico, principalmente no aspecto que toma em Portugal.

Para assinalar a diferença de pronúncia da língua latina em França e na Itália, o Prof. G. Pasquali em artigo da revista « Pègaso » (ano I, n.º 12, Dez. de 1929) falava de « latim-francês » e de « latim-italiano ». Com idêntico sentido se poderia falar dum « latim-português ». De facto também em Portugal há uma pronúncia tradicional do latim, uniforme em todo o país. Ela é, como de resto as pronúncias tradicionais do latim nos outros povos, a reminiscência da época em que, não dando a ciência a verdadeira pronúncia daquela língua, cada povo tomou a liberdade de a pronunciar atribuindo aos seus sinais gráficos o valor que tinham os da própria língua. E neste trabalho, que por ser de destruição era relativamente fácil, teria servido ainda de ajuda a tendência para



o menor esforço, se é que não foi êste mesmo o causador da perda da verdadeira pronúncia.

Compreende-se na verdade que a tendência de facilitar e de abreviar a aprendizagem do latim tivesse levado os latinistas de velhos tempos a subordinar quasi inteiramente à sua fonética nacional a leitura dessa língua, cujos sinais gráficos deixaram assim em parte de ter o seu primeiro valor.

Cousa aproximada fazem hoje os ignorantes da leitura duma língua extranha, lendo as palavras dessa língua segundo a sua fonética.

Mas ponhamos o aspecto da questão em Portugal. No ensino médio, é adoptada a pronúncia tradicional portuguesa; no ensino superior pratica-se esta e também a científica. Assim se prepara o ambiente favorável à segunda, sem o inconveniente das complicações de ordem didáctica resultantes da sua imediata applicação no ensino médio.

Na Universidade de Lisboa a pronúncia científica é usada há cerca de dez anos. Na de Coimbra há muito mais tempo. Já em 1913 um seu professor, o Dr. Gonçalves Guimarães, publicava para uso dos estudantes um « Breviário da Pronúncia do Latim » (Imprensa da Universidade, Coimbra, 1913), no qual a referida pronúncia, considerada como a restauração, baseada em bons fundamentos, da pronúncia usada no período clássico da literatura latina, era abertamente aceita, defendida e recomendada.

« Nenhuma razão temos portanto para prolongar o estado de indisciplina em que se labora na chamada leitura tradicional do latim », dizia o referido professor, que no mesmo opúsculo punha em relêvo o facto de os estudiosos da América do Norte se terem antecipado aos dos próprios países latinos no uso da pronúncia, que mais se aproxima da do período áureo de Roma literária.

O estado da questão, atrás exposto, parece-me muito propício para a resolução em Portugal do problema da pronúncia do latim clássico, acêrca do qual os povos de língua latina se mostram talvez excessivamente desconfiados.

Partindo do princípio de que do campo da investigação científica devem vir as bases para a resolução dêste problema, parece-me poder afirmar que faltam neste campo um trabalho de unificação de todos os estudos feitos (e muitos são) e ainda a uniformização dos resultados e a sua fixação pelos processos de sinalização fonética internacional, tão usado no estudo das línguas vivas.

Julgo que os executores da reforma da pronúncia única do latim esperam da ciência filológica palavras mais claras, que de-

struam a atitude de hesitação e inspirem a confiança sempre necessária a quem traz inovações.

Embora o estudo da questão não esteja completamente feito, útil seria para o conhecimento do latim que professores das várias nações, onde aquela língua é estudada, trocassem impressões e fixassem regras uniformes servindo-se dos elementos certos, que a ciência já possui acêrca da verdadeira pronúncia do latim.

Emquanto tal não se fizer, certamente não haverá a coragem de introduzir no ensino médio essa nova leitura. Mas entretanto, pois que a ciência ensina serem erradas as várias pronúncias tradicionais do latim, importa por dignidade do ensino que não seja exageradamente apontada a beleza da forma latina, principalmente a da poesia. De contrário a beleza única e verdadeira, que v. g. os contemporâneos de Virgílio sentiam ao ouvir ler um passo da sua Eneida, converter-se-á em várias belezas, todas diferentes e nenhuma verdadeira.

Êste de resto é um aspecto da questão sob o ponto de vista pedagógico, pois que melindrosíssimo é apresentar conscientemente na escola como certo o que cientificamente está provado ser êrro.

« Bisognerà prima che il concetto nuovo entri nella coscienza dei maestri, fin da quando essi si formino nelle università » dizia nesta revista (Ano VIII, fasc. 1, 1934, p. 233) o Prof. G. Battista Pighi a propósito da possibilidade e oportunidade de introdução da pronúncia científica nas escolas médias. Esta fase preparatória de adopção da pronúncia única do latim em todas as escolas, onde êle é ensinado, é realmente indispensável. A ela ja chegámos em Portugal. Esperemos que, pois é de transição, não seja longa. Por tal se interessam alguns estudiosos do latim, embora procedendo calmamente, como o requiere a natureza do problema.

GOMES BRANCO